

O cotidiano afetivo-sexual no Brasil colônia e suas consequências psicológicas e culturais nos dias de hoje

MARCEL DE ALMEIDA FREITAS

Antropólogo. Mestre em Psicologia Social. Professor História da Cultura e História do Brasil Faculdade FEAD-MG.
Pesquisador colaborador FAE/UFMG
E-mail: marleoni@yahoo.com.br

Resumo

O texto objetiva pontuar alguns aspectos salientes das relações de gênero e da cultura sexual concernentes ao período colonial brasileiro e mostrar como muitos destes aspectos passaram a integrar o pensamento coletivo, apesar das diferenças regionais, de classe social e se o meio atualmente considerado é urbano ou rural. Assim, na interface da história, da antropologia e da psicologia, o artigo salienta as formas de interação interpessoais e hábitos do campo afetivo e sexual do povo brasileiro que vieram se alicerçando ao longo dos séculos, sendo marcados por fenômenos estruturais mais amplos, como a escravidão e o patriarcalismo.

Palavras-Chave: História da Cultura - Comportamento Sexual - Relações Interpessoais

Abstract

This article delineates some salient features of gender relations and sexual culture of the colonial period of Brazil and shows how many aspects of these issues became part of the collective thought, despite regional differences, social distinctions of class and present-day urban or rural status. Through the interface of history, anthropology and psychology, the article stresses the forms of interpersonal interaction and the habits of the affective and sexual field of the Brazilian people that came into being over the course of centuries, as influenced by marked broader structural phenomena, such as slavery and patriarchy.

Key-Words: History of Culture - Sexual Behavior - Personal Relationships

Introdução

O tráfico de escravos teve início no Brasil por volta de 1526 e a escravidão só foi abolida em 1888, o último país das Américas a realizar tal feito (Prado Jr., 1961). Durante estes três longos séculos, negros oriundos de distintas partes da África ajudaram a construir a riqueza do país. Aqui, os portugueses também puderam exercer sobremaneira a dominação e exploração sexual sobre os colonizados – índias(os) e negras(os). Portanto, o artigo é uma tentativa de abordar alguns aspectos da cultura sexual de escravas(os) e senhores(as), investigação essa que pode ser esclarecedora do fenômeno escravidão em geral assim como aclarar sobre o comportamento, práticas e valores sexuais, além das relações de gênero, em vigor na sociedade brasileira atualmente. Na interface da História com a Psicologia, o texto pretende pontuar alguns aspectos das relações interpessoais num âmbito afetivo e sexual marcadamente desigual.

O seu corpo é meu

Durante a escravatura, os corpos dos escravos pertenciam aos seus donos como se fossem corpos de animais. Logo, os brancos podiam manifestar livremente a agressividade e luxúria sobre negras e, não raro, sobre negros (Mott, 1988). Também segundo Gilberto Freyre (1998), a licenciosidade, a depravação – segundo os costumes ocidentais do período considerado – e a subordinação sexual são fatos inerentes ao sistema colonial brasileiro. Os portugueses, interessados em povoar a enorme e deserta terra logo lançaram mão do corpo das nativas e posteriormente abusaram da importação de adolescentes negros (moças e rapazes) para que, na promiscuidade dos navios negreiros, as negrinhas aqui chegassem grávidas, aumentando o patrimônio de seus futuros proprietários, visto que, conforme as leis escravistas da época, o senhor não precisava pagar pelo feto no ventre materno (POMER, 1980).

Na *Idea Geral de Pernambuco em 1871* (MOTT, 1988), um cronista anônimo fala da ‘grande lubricidade dos escravos nos engenhos, cultura que era estimulada pelos senho-

res ávidos em aumentar o ‘plantel’. Entretanto, tal crônica mostra somente o caráter ideológico da época, já que não eram os negros os verdadeiros ‘devassos’ – mesmo porque a maioria não possui o sistema religioso e as noções de pecado derivadas do cristianismo – eles eram, na grande maioria das vezes, vítimas do ambiente de lubricidade existente na própria estrutura escravista, sendo que o europeu era o elemento ativo e principal beneficiado dessa licenciosidade generalizada. Os pais – senhores de engenho – sempre viam com olhos simpáticos e de silenciosa condescendência a iniciação sexual dos filhos e netos varões com as negrinhas imberbes (FREYRE, 1998).

Tal violência sexual, não obstante não tivesse o caráter de uma violência física, certamente era uma agressão psíquica, pessoal e cultural, além de preservar as ‘moças de família’, as futuras esposas, significava o surgimento de uma massa de mulatos destinados ao trabalho na lavoura e/ou nas lavras. O fato de que estes rapazes brancos não tivessem atividade ou trabalho (os trabalhos braçais eram enxergados como degradantes) contribuía para a extrema sexualização da vida cotidiana dos jovens ociosos, isto é, ‘coabitar’ era uma forma de preencher o tédio prazerosamente. Segundo as tradições rurais nos engenhos, até as senhoras – algumas mães mais desembaraçadas – incentivavam que os filhos fossem para os braços das negras e mulatas. Sobre isso, Freyre (1998: p. 113) aponta que:

Nenhuma casa grande do tempo da escravidão quis para si a glória de conservar filhos maricas ou donzelões. O que a negra da senzala fez foi facilitar a depravação com sua docilidade de escrava: abrindo as pernas ao primeiro desejo do senhor-moço. Desejo não, ordem.

O clima de liberalismo e exploração sexual de negras(os) e, em menor escala, índias (os) favorecia o desejo dos idosos e dos jovens. Muitas vezes sucedia que justamente aqueles senhores mais rigorosos com os filhos e, especialmente, com as filhas e esposas, eram os que davam mais mostra de ímpeto de dominação sexual sobre as ‘carnes negras’. Nessa época, acreditava-se que era o calor dos trópicos que acelerava o despertar sexual precoce dos garotos brancos, desconsiderando-se os ‘maus exemplos’ de seus pais e avôs (STAVENHAGEN, 1973). Padre Lopes

Gama (*apud* MOTT, 1988: p. 45) disse que os meninos das fazendas de cana-de-açúcar“(...) apenas tocam os limiões da virilidade e já se entregam desenfreadamente aos mais porcos apetites; são os garanhões daqueles contornos”.

A dupla moral, característica da sexualidade brasileira até os dias de hoje, se manifestava no fato de que, entre outras coisas, o senhor, por pudores e preceitos religiosos, se reprimia sexualmente com a esposa branca – figura destinada exclusivamente à reprodução – mas, geralmente, não tinha freios no relacionamento com as escravas, tidas como meros objetos. Tais relacionamentos muito frequentemente marcavam de modo permanente o psiquismo dos homens daquele período, como mostra o exemplo narrado por Raoul Dunlop (*apud* FREYRE, 1998): certo jovem de tradicional família escravocrata do Sul do Brasil, para excitar-se sexualmente perante a noiva branca, teve que levar para os aposentos matrimoniais a camisola úmida de suor de sua escrava negra, sua amante desde que ele entrara na adolescência.

De qualquer maneira, negras e negros de beleza intensa – os padrões estéticos não eram tão autoritários e rígidos como atualmente – se constituíam em ‘tentação’ para europeus sexualmente reprimidos que aqui aportavam, sendo que, quando chegavam ao país davam vazão a impulsos sexuais. O Reverendo Walsh, sacerdote protestante, em seu *Notices of Brazil*, de 1830, dizia o seguinte: “a superiidade da população negra não é tão grande em número quanto em atributos físicos. Muitos negros e mulatos são pessoas mais vigorosas e atléticas que se pode contemplar e poderiam servir de modelos para um Hércules de Farnese” (*apud* ARANA, 1960: p. 69).

Já o francês Tonellaire descrevia as negras como tendo “formas esculturais, proporções generosas de corpo, os tons quentes da pele, a paixão concentrada no olhar” (NOVAIS, 1979: p. 173). Ele admirava até o odor do corpo das negras, em contraste ao cheiro artificial produzido pela maquiagem das brancas. Um anúncio do *Jornal do Comercio* do século XIX fornece bem a medida de como se valorizavam aspectos sexuais nas moças mulatas e negras, além de aspectos como força física e disposição para o trabalho: “procura-se negrinha de beiços finos, olhos grandes, pés pequenos, espigadinha de corpo, peito em pé.

Rua das Violas, em São Cristóvão” (MOTT, 1988: p. 55). Em outro anúncio da mesma publicação carioca, vemos como esses infelizes seres humanos eram maltratados pelos senhores, como eram completamente coisificados:

Procura-se mulatinha puxando a sarará, de nome Joana, 14 anos prováveis, fugida de um Engenho do Carmo, cor alvacentas, cabelo carapinho e ruço, corpo regular, com todos os dentes, mas com vestígios antigos de chibata no corpo (...). Fala às vezes viciosa. Padecendo de bouba nas partes ocultas (POMER, 1980: p. 106).

A descrição concedida aos ‘machos da espécie’ também primava em exaltar os caracteres considerados selvagens, robustos e primitivos dos negros, aquilo que, segundo a mentalidade vigente, os distinguia dos brancos e que ainda hoje notamos na mídia atual, de forma subliminar (especialmente quando se trata das façanhas futebolísticas dos jogadores); numa das edições do *Diário de Pernambuco* do século XIX procurava-se um tal Francisco com as seguintes características: “23 anos, grosso de corpo, cabelo não encarapinhado, dentes perfeitos, pés e mãos regulares, negro pachola que fugiu trajando calça de casimira preta” (POMER, 1980: p. 109).

A partir deste e de vários outros chamados percebemos que o interesse dos senhores (e, camufladamente, das senhoras) pelas negras(os) e mulatas(os) não se reduzia somente aos serviços domésticos, da lavoura ou da garimpagem – a escravidão também incluía obrigações nas alcovas senhoris. No período colonial, muitos portugueses optavam por se amasiar com negra ou mulata, sendo que as leis lusitanas facilitavam como nenhuma outra na Europa o registro de filhos ilegítimos, favorecendo que tais ligações não ficassem tanto na clandestinidade como em outras regiões coloniais – Haiti, Estados Unidos, Cuba, só para citar alguns exemplos de então colônias francesa, inglesa e espanhola respectivamente. No entender de Freyre (1998, p. 239) isso se devia ao fato de que “a falta de gente para a colonização do país fez diminuir os escrúpulos contra irregularidades sexuais. Talvez em nenhum outro país católico tenham até hoje os filhos ilegítimos – particularmente os de padre – recebido tratamento tão doce”.

No livro *Crônicas do Negro no Brasil*, Sérgio Diogo Teixeira de Macedo (*apud* NOVAIS, 1979) se refere ao fato de que meninas negras de 10, 11 anos eram estupradas por sinhôs-moços e sinhôs-velhos; que padres viviam em aberto concubinato com escravas, criando os filhos aí gerados com imensa responsabilidade paterna, o que originou até algumas ilustres famílias, mormente no Nordeste. Muitas escravas eram obrigadas a se prostituir nas ruas de Salvador, Recife, Rio de Janeiro para sustentar senhores gananciosos. O Reverendo Walsh, citado anteriormente, menciona o fato de que europeus ruivos e louros – alemães, belgas, escoceses, ingleses – vendiam por preços altíssimos seus filhos bastardos mestiços devido aos olhos claros e cabelos avermelhados ou alourados das crianças.

O sexo como instrumento de libertação

De acordo com Freyre (1998), nos mercados negreiros os compradores faziam com que os negros ficassem praticamente nus; ‘arreganhavam’ suas bocas para que os ‘fregueses’ vissem a dentição, os mandava tossir (a fim de mostrar que não tinham ‘problemas de pulmão’), sorrir, saltar e fazer todo tipo de ignóbil exposição com o objetivo de avaliação da ‘qualidade do material’. Havia também aqueles compradores que examinavam minuciosamente o tamanho do órgão genital dos escravos, bem como a rigidez das mamas das negras; habitualmente, a análise das partes pudicas dos escravos estava ligada aos interesses reprodutivos no cativo, porém não era incomum que esse exame almejava verificar o grau de prazer que ‘tais coisas’ poderiam proporcionar a quem os adquirisse. Os negros tinham que se submeter a tudo: eram apalpadados, apertados, beliscados, cheirados, amolengados, quase mordidos. Os mercadores ciganos eram os que mais expunham as negrinhas de tenra idade em posturas sedutoras para atrair os compradores, tapando apenas seu sexo com tecidos diminutos.

Muitas vezes, e através disso podemos verificar a dominação psicológica de gênero, de classe e racial, as negras, mesmo coisificadas dessa maneira atroz, chegavam a desenvolver apreço, afeição e até amor pelos seus donos. Os versos de uma mulata desconhecida mostram a atua-

ção da ideologia dominante no psiquismo dessas pessoas, quando a vítima se liga afetivamente ao algoz: “meu branquinho feiticeiro/doce ioiô do meu coração/adoro teu cativo/branquinho do coração/Pois tu chamas de irmãzinha/a tua pobre negrinha/que estremece de prazer/vai pescar à tardinha/manda piau e corvina/para sua negrinha comer” (POMER, 1980: p. 10).

Por outro lado, é preciso considerar que se tornar amante de um branco, ou mesmo prostituir-se, era uma das poucas alternativas que uma negra ou mulata vislumbrava para amenizar a escravidão ou, em casos mais raros, de se tornar livre. André João Antonil (*apud* FURTADO, 1969), postula que várias negras conseguiam juntar considerável quantia com a qual compravam sua própria alforria e visto que nada sabiam fazer, mesmo depois de libertas, continuavam a vender o sexo. Por outro lado, algumas ex-escravas se tornaram respeitáveis matriarcas, mães de família e chegaram mesmo a ser senhoras de outros escravos. Esse foi o caso de Xica da Silva (MOTT, 1988). Quando o Contratador das Minas Gerais João Fernandes de Oliveira se interessou por ela, Xica já não era mais tão jovem (para os padrões daquela época) e já era mãe, situação bem diferente da mostrada pela novela homônima estrelada por Taís Araújo no papel principal.

Contudo, o europeu a cobriu de ouro e lhe outorgou um poder enorme no então Arraial do Tejuco (atual Diamantina). Tiveram doze filhos e a ex-escrava viveu numa quinta esplendorosa. No período colonial as negras mineiras tinham fama de serem mais dóceis e belas que as escravas de outras regiões (POMER, 1980). Quiçá a docilidade era devido ao fato de que as negras que eram enviadas para aquelas paragens não eram utilizadas nos serviços agrícolas nem no garimpo, mas iam se ocupar dos serviços domésticos e, desta forma, internalizavam, em nível inconsciente, os valores e regras de etiqueta dos brancos. O próprio governador do Rio de Janeiro, Luís Bahia Monteiro, em 1730, chegou a afirmar que “não há mineiro que possa viver sem sua preta, dizendo que só com ela tem sorte nas lavras” (*apud* POMER, 1980: p. 19).

Algumas destas escravas, ao se tornarem concubinas de luxo ou, mais raramente, esposas de senhores abastados, viviam em ostentação e vaidade. No Rio de Janeiro não era

incomum se ver negras ou mulatas cobertas de jóias, trazendo cetim, com fileiras de miçangas e anáguas feitas do mais puro linho importado da Holanda. Isso mostra certa permissividade da sociedade brasileira dessa época, e os senhores, por intermédio do esbanjamento de suas concubinas atestavam seu poderio econômico frente seus pares, seja essa riqueza originária do comércio ou da lavoura.

Considerações Finais

Numa situação em que diversos seres humanos estavam sujeitados a outros econômica, social e psicologicamente, é de se esperar que o sadismo e o masoquismo florescessem. Deste modo, o costume de açoitar escravos era costume público e anunciado com antecedência por tamboures que rufavam veementemente. Homens, mulheres, crianças, negros, brancos, mestiços, índios aculturados, ricos, pobres, todos iam assistir e fruir o flagelo. Este se configurava como autêntico espetáculo que mesclava licenciosidade e crueldade. Narradores estrangeiros ficavam surpresos como a turba exultava a cena e como pedia mais violência (ARANA, 1960). A cada corte desferido nas ancas do escravo – em tais punições a maioria das vítimas era homens – quando sangue, suor e lágrimas se misturavam, a multidão ensandecida exortava o carrasco.

As mulheres brancas, talvez como forma de compensação da submissão que padeciam aos maridos, exageraram no sadismo quando puniam alguma escrava, exagero esse que não era frequente no caso da punição aos escravos. Numa leitura psicológica, podemos entender que também exteriorizavam a libido – energia sexual reprimida – nestas torturas. Freyre (1998) relata iaiás que, literalmente, destroçavam dentes de negras com o sapato e outras que mandavam contar os mamilos das negrinhas recém entradas na puberdade, como se elas fossem as responsáveis pelos olhares gulosos dos esposos brancos. Sérgio Diogo Teixeira (*apud* POMER, 1980) descreve a história de Dona Ana Paes, fazendeira de Goiás. Suspeitando que uma das escravas da fazenda estaria grávida de seu marido, Donana aguardou pacientemente o nascimento do bebê; quando este nasceu, ordenou que suas escravas arrumassem luxuosamente uma mesa de jantar.

Então, ela mesma fez questão de servir assado o recém-nascido. Partindo friamente a coxinha do bebê, atirou o pedaço no rosto do marido, que estava em choque, e gritou: “anda bandalho, come o teu filho!”.

Com o passar do tempo, essa cultura engendrou uma grande rivalidade entre senhoras e escravas – ambas desconhecendo que estavam todas submetidas ao mesmo poder patriarcal. As brancas usufruíam do ócio, da riqueza (nem todas), do status e do poder, mas, devido à ausência de atividades engordavam logo após a primeira gestação, perdiam os dentes facilmente, processo acelerado pelo alto consumo de doces e guloseimas, e tinham, assim, que ‘concorrer’ com negras de corpo definido pela lida diária. Estas disputas ficam evidentes nas quadrinhas recolhidas por Lamego (*apud* MOTT, 1988) na região de Campos dos Goytacazes: “se as brancas se vendessem/ou por ouro ou por prata/compraria uma delas/para servir às mulatas”. Era hábito naqueles tempos que meninas brancas de 13, 14 anos se casassem com homens na casa dos 50 anos. Em alguns anos o marido decrescia física e sexualmente – sobretudo pelas condições adversas de trabalho e/ou pela vida licenciosa que levavam e, em razão disso, juntamente com a tentativa de escapar de relações opressoras com o marido, algumas delas tinham amantes negros e jovens.

Porém, a mulher deveria ser bastante ardilosa e astuta para proceder assim, pois, embora a sociedade fosse complacente com as relações de brancos com escravas, punia severamente as relações de escravos negros com senhoras brancas. Muitos negros foram sumariamente castrados pela simples suspeita de ter atraído o desejo de alguma sinhazinha. Bonfini, em sua obra *América Latina* (*apud* Arana, 1960) revela que muitas sinhás-moças eram criadas se roçando em ‘moleques de cor’ e porventura entregavam-se sexualmente a eles. Quando tal fato era descoberto, a moral patriarcal ibérica atuava ferozmente: o negro era ‘capado’ e sua ferida salgada; a rapariga, com um reforçado dote, era casada as pressas com um primo pobre ou um jovem mancebo (‘solteirão’) de algum vilarejo distante, que não tinha ficado sabendo das notícias sobre ela.

Também existiam relações homoeróticas – explícitas, como nos casos em que os senhores exigiam ser sodomizados por seus escravos ou vice-versa – ou sutis, como

é o caso lésbico descrito a seguir pelo Padre Lopes Gama (*apud* MOTT, 1988, p. 88):

Conheço uma respeitável Sibita que, criando uma negrinha que hoje terá seus 14 anos, esta não vae de noite para a cama sem que primeiramente se deite no regaço de sua yayá gorda, que está lhe dando trincos na carapinha e fazendo mechas do vestido da pateta, e chupando-as até adormecer! Aqui há porcaria, má criação e desaforo.

Outro aspecto curioso era o enorme prestígio e participação das mucamas na vida privada e sentimental das sinhazinhas; Joaquim Manuel de Macedo, autor de *A Moreninha*, escreveu certa feita que a mucama, não obstante escrava, era ainda mais presente que o padre confessor ou o médico na vida íntima das donzelas solteiras (FURTADO, 1969). A mucama, além de confidente dos amores proibidos, lhes fazia cafuné, lhes penteava o cabelo, dava banho nas sinhás-moças. E, considerando que a ociosidade era ainda mais ampla para as mulheres brancas solteiras que para os rapazes brancos, deduzimos que as conversas eram a única diversão e passatempo dessas moças e de suas aias. Há que se lembrar também que, nos casos em que a moça fugia com um rapaz não desejado pela família como consorte ou, o que era pior, com um negro ou mulato (embora menos frequente), a mucama era figura central em toda a trama, de certa maneira realizando-se e vingando-se no ímpeto e na fuga da 'amiga'.

Finalmente, durante os três séculos de escravidão africana no Brasil europeus, prevalentemente portugueses, e negros, sem mencionar indígenas ou seus descendentes diretos, se odiaram, se amaram, se relacionaram, se excluíram, se amasiaram, dando origem aos pilares étnicos e culturais do povo brasileiro. Assim, talvez os versos a seguir, coletados por Pomer (1980, p. 234), melhor representem algumas situações com as quais viveram os contemporâneos da escravidão no país, contexto onde vemos questões de dominação étnica, de gênero e relações incestuosas de modo nítido:

A linda mulatinha/a cria da fazenda/a todos encantava, a todos seduzia/O lindo seio envolto em renda grossa/se ela caminhava, estremecia./O filho do senhor, janota petulante/olhava a mulatinha e demorava no olhar/havia já pensado em ser seu amante/e dela o coração julgava dominar./Um dia resolveu entrar ocultamente/aonde

adormecera a pobre da criança/no seio foi bulir, e ela incontinente/ergueu-se e lhe fugiu, deixando-o esperar./À velha preta mãe contou o que lhe aconteceu/a preta a soluçar, a mãe do coração/ fitando a mulatinha, a custo respondeu/cuidado minha filha, escuta... É teu irmão!

Notamos, pela passagem acima e pela análise dos historiadores referidos, que a colonização do Brasil por Portugal foi, fundamentalmente, alicerçada na exploração do corpo do outro, o que demandou a articulação de um forte aparelho ideológico (logo, psíquico) repressivo e hierarquizante. A mentalidade produzida neste período, tanto pela Igreja quanto pelas relações familiares, tiveram o cunho do controle e da dominação/subordinação. Por conseguinte, vemos que algumas destas características perniciosas se encontram presentes em nosso imaginário, instituições e cultura até o momento, embora mais sutis e complexificadas, sendo um exemplo disso a diferença de valor atribuída, pelos meios de comunicação, às mulheres negras em detrimento das mulheres brancas, ou da vinculação da sexualidade dos homens negros à animalidade bem como a discriminação sofrida pelos homossexuais masculinos afeminados.

Referências bibliográficas

- ARANA, D. História de América, Buenos Aires: Editorial Futuro, 1960.
- CORRÊA, M. Sobre a invenção da mulata. Cadernos Pagu. Campinas, (6-7), 1996, p. 35-50.
- FREITAS, M. 2011. História do Pensamento Econômico, Belo Horizonte, FEAD.
- FREYRE, G. 1998. Casa Grande & Senzala, Rio de Janeiro, Record, 1998, 34ª edição.
- FURTADO, C. 1969. Formação econômica da América Latina, Rio de Janeiro, Lia Editor.
- MOTT, L. Escravidão, homossexualidade e democracia, São Paulo: Ícone, 1988.
- NOVAIS, F. A. Portugal e Brasil na crise do antigo sistema colonial (1777-1808). São Paulo: Hucitec, 1979.
- POMER, L. América: história, delírios e outras magias, São Paulo: Brasiliense, 1980.
- PRADO JR., C. História econômica do Brasil, São Paulo: Brasiliense, 1961.
- STAVENHAGEN, R. Sept thèses erronées sur L'Amérique Latine ou comment Décoloniser les Sciences Humaines, Paris: Anthropos, 1973.